

O IMAGINÁRIO FEMININO NA VOZ DA POETISA POTIGUAR ZILA MAMEDE

André Pinheiro

RESUMO: Zila Mamede (1928 – 1985) é uma poetisa do Rio Grande do Norte e um dos nomes mais importantes para a configuração da literatura modernista daquele estado. A relação de amizade estabelecida com os poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade muito contribuiu para o delineamento de sua obra. Mesmo sendo uma intelectual atuante, é curioso como o imaginário feminino ainda é pouco explorado em sua obra. Aqui se pretende, portanto, fazer uma apresentação geral da vida e da obra de Zila Mamede, tomando como foco de observação motes referentes à representação da mulher. Constatase que, apesar das variadas maneiras como é tratado, o tema adquire sempre um aspecto humanizador.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Zila Mamede; Mulher.

RÉSUMÉ: Zila Mamede (1928 - 1985) est une poétesse de Rio Grande do Norte et l'un des noms les plus importants pour la configuration de la littérature moderniste de cet État. La relation amicale établie avec les poètes Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade a grandement contribué à la conception de son travail. Même en étant un intellectuel actif, est curieux de voir comment l'imagerie féminine est encore peu exploré dans son œuvre. Nous avons l'intention, donc, de faire une présentation générale de la vie et de l'œuvre de Zila Mamede, en prenant comme objet d'observation questions relatives à la représentation des femmes. Malgré les diverses façons dont le thème est traité, il semble que ce thème obtient toujours un aspect humanisant.

Mots-clés: Littérature brésilienne; Zila Mamede; Femme.

Zila Mamede é um dos nomes mais expressivos da literatura potiguar. Apesar do recente esquecimento no cenário nacional, a autora foi muito bem recepcionada no período em que publicou suas obras – tanto que despertou a admiração de importantes intelectuais brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Camara Cascudo, Osman Lins e João Cabral de Melo Neto. Mulher de opiniões fortes, politicamente engajada e uma intelectual atuante na sociedade em que vivia, é interessante como a referência à condição feminina ocorre de forma muito parcimoniosa em sua obra poética. De modo geral, a voz do eu-lírico pende para uma falaciosa neutralidade, passando a impressão de que o sujeito evita abraçar qualquer tipo de causa.

A verdade, contudo, é que o imaginário feminino está sutilmente disseminado por toda a lírica mamediana, ganhando configuração de acordo com as características dominantes de cada volume. Ao optar por fazer um registro mais sutil, Zila Mamede acabou por apresentar a imagem de uma mulher destituída dos estereótipos que a sociedade comumente lhe atribui – aspecto que, de certo modo, a torna mais humana e verdadeira.

Zila da Costa Mamede nasceu em setembro de 1928 em Nova Palmeira, pequena cidade localizada no interior da Paraíba. Ainda criança, mudou-se com a família para Currais Novos-RN, cidade onde o pai iria trabalhar como mecânico de equipamentos agrícolas. Com o intuito de alcançar melhores condições de vida, a família Mamede resolveu se transferir, no ano de 1942, para a capital do estado. Depois de se instalar definitivamente em Natal, a agitada ambientação urbana acabou se convertendo em um dos objetos poéticos mais densos e recorrentes da lírica mamediana.

Em 1953 a autora publicou **Rosa de pedra**, seu primeiro volume de poesias. Nele, o sujeito e o mundo aparecem em constante desintegração. As imagens abstratas e evasivas compõem o panorama de uma realidade quase impressionista, marcada pela efemeridade e pela vertigem. De certo modo, esses recursos acabam por revelar o perfil do fragmentado homem moderno.

O livro é guiado por alguns princípios da geração de 45, sobretudo no que diz respeito ao uso de imagens concretas para retratar temas intimistas. Depois, o soneto figura como a forma majoritária de composição. Esses dados justificam o caráter ambíguo da obra, que parece ter uma base fincada na tradição (através da forma fixa) e outra na modernidade (por meio do tema caótico e desconexo). Apesar de o tom retórico ter prejudicado o estilo de alguns poemas, a engenhosa criação imagética atesta a qualidade da obra - tanto que Manuel Bandeira chegou a considerá-la como um dos dez melhores volumes de poesia publicados no país na época do lançamento.

Via de regra, a figura feminina aparece projetada em objetos concretos ou em paisagens naturais, como é o caso do poema “Soneto da fúria inútil”, no qual se pressente uma tonalidade erótica na relação instituída entre a índole tenebrosa do mar e a serenidade da praia. Aqui a mulher é captada pelo prisma alegórico, o que não deixa de ser uma espécie de incompletude, já que todo a sua conjuntura aparece apenas como sugestão. Falta-lhe, pois, o peso de uma

experiência mais humanizada com o corpo, que só seria plenamente alcançada nos volumes posteriores:

“Inconsequente, o mar avança, avança
armado de mil braços, cem mil dedos
buscando intimidar a praia mansa:
tão quieta, livre, nela não há medos.

(...)
Ornando-se dum gesto bem seu, franco,
verte a fúria do mar noutros anseios:
– entrega-lhe o seu corpo puro e branco”.
(MAMEDE, 2003, p. 205)

A partir de então, Zila Mamede começou a conciliar a carreira literária com atividades desenvolvidas em outras áreas do conhecimento. Primeiro matriculou-se no curso de Biblioteconomia do Instituto de Educação; depois, foi aprovada no curso de Direito, mas abriu mão a favor de uma formação como bibliotecária. Em 1957, foi para o Rio de Janeiro fazer o Curso Superior de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Nessa ocasião, foi enviada à Europa pelo jornal **O globo** para cobrir um evento religioso.

Em 1958 Zila Mamede publicou seu segundo livro de poesias. Em **Salinas** ainda persiste o tom de um discurso intimista, muito embora nele já se note certo afastamento das imagens dispersivas e do caótico universo interior que marcaram o volume precedente. A fortuna crítica costuma vê-lo como uma obra de transição. O termo é perigoso, impreciso e um tanto equivocados: primeiro porque muitas mudanças operadas neste livro não tiveram continuidade no volume seguinte; depois, a posição transitória tende a minimizar o valor da obra, quando, na verdade, ela é um dos trabalhos mais graciosos de Zila Mamede.

Salinas está marcado por um nítido processo de refinamento linguístico. O discurso passou a ser mais objetivo sem, com isso, perder a graça e o lirismo que fundamentaram a criação de **Rosa de pedra**. A representação de cenas familiares diretamente vinculadas a aspectos da realidade social constitui outra importante mudança. De certo modo, ao direcionar o foco de observação para o mundo exterior, Zila fez com que sua obra adquirisse um semblante mais sólido e estável.

Dentro desse novo arranjo poético, a representação da mulher se afasta daquele inicial devaneio simbólico e passa a integrar um quadro social mais bem

definido. Em “Retrato”, por exemplo, aparece a figura de uma jovem criança que interage com a secura do solo sertanejo. Apesar do corpo franzino, logo se pressente que a mulher é, por si só, o próprio elemento de resistência, dada a importância do papel que ela executa para a manutenção de uma ordem familiar. Ainda que captada pelo prisma da lembrança e em condições tão precárias, o peso da realidade social é o ponto nodal desse poema:

“Me lembrava da menina
escavando o chão agreste,
me lembrava do menino
carregando melancias.

Em que terras desembocam
esses talos de crianças
mais finos que as maravalhas,
mais fortes que a ventania?”
(MAMEDE, 2003, p. 180)

Em 1959 Zila Mamede publicou **O arado**, obra fundamentalmente amparada em temas da tradição rural. Diga-se de passagem, o acervo de cenas sertanejas figura como um dos fatores responsáveis pela enorme popularidade do livro. Destaca-se o fato de que a autora extraiu da própria experiência de vida o mote para a composição desses poemas – aspecto que, de certa forma, justifica o caráter vivo e coerente das imagens. Segundo bem postulou o pesquisador da Literatura potiguar, Tarcísio Gurgel, “em sua vida pessoal ocorreram fatos a que o colorido do testemunho autobiográfico dava a dimensão de “eventos” na perspectiva de sua formação como poetisa” (GURGEL, 2001, p. 84). O discurso retórico que marcou o primeiro livro pode ser sentido em uma peça ou outra, muito embora ele não seja capaz de prejudicar o estilo da obra.

Apesar da representação idílica da realidade, há um tom de crítica social implícito em grande parte das imagens que compõem o livro. Logo se percebe que a poetisa busca destacar uma série de eventos que são cada vez menos valorizados pela população. Por isso mesmo, ao se voltar com tamanha ênfase para a cultura e para a tradição sertaneja, **O arado** acaba se tornando um grito de resistência contra as recorrentes atrocidades da sociedade moderna.

A imagem da mulher aparece completamente integrada à ambientação campestre, sendo que as cenas geralmente retratam afazeres domésticos ou o trabalho nas lavouras de milho e de algodão. A labuta, no entanto, não chega a

oprimir o sujeito; bem pelo contrário, ela se dilui na plasticidade com que são delineados alguns quadros culturais do Nordeste brasileiro. No poema “Banho (Rural)”, por exemplo, a figura feminina ganha um contorno sensual, alcançado graças a exaltação da beleza da carne. De um erotismo ligado à simbologia da terra, o espaço circundante não funciona apenas como uma moldura para a cena, mas sim como condição indispensável para a configuração do corpo:

“Moldava-se em sabão, estremeçada,
cada vez que dos ombros escorrendo
o frio d’água era carícia antiga.

Secava-se no vento, recolhia
só noite e essências, mansa carregando-as
na morna geografia do seu corpo.

Depois, voltava lentamente os rastos
em deriva à cacimba, se encontrava
nas águas: infinita, liquefeita.

Então era que a moça regressava
tendo nos olhos cânticos e aromas
apreendidos no entardecer rural”
(MAMEDE, 2003, p. 134)

Depois de **O arado**, Zila preferiu se dedicar à carreira profissional de bibliotecária. Em 1961 foi para os Estados Unidos (Syracuse University) fazer um estágio nessa área do conhecimento; em 1964 fez pós-graduação na Universidade de Brasília. Nessa ocasião, começou um trabalho bibliográfico sobre Camara Cascudo, que durou cerca de cinco anos para ser concluído. O resultado de tanto esforço veio à luz no ano de 1969: trata-se do livro **Luis da Camara Cascudo: 50 anos de vida intelectual** (editado em dois volumes).

A próxima obra literária seria publicada apenas em 1975. É preciso admitir, contudo, que o tempo dedicado aos trabalhos bibliográficos acabou por imprimir um viés mais analítico e ordenado à poesia de Zila Mamede. Escrito lentamente ao longo de alguns anos (pois há manuscritos datados de 1962), **Exercício da palavra** é, sem dúvida alguma, o seu livro mais bem elaborado e denuncia a presença de uma escritora com pleno domínio da linguagem poética.

Dialogando com algumas ideias do concretismo, o volume retrata o processo de modernização por que passava a capital potiguar na época. A solidez das imagens foi, portanto, a forma encontrada para representar o crescimento

vertical da cidade. O discurso é claro, objetivo e espontâneo, resultando em um texto imune ao sentimentalismo piegas, muito embora ainda guarde o tom gracioso dos demais livros. Trata-se de uma obra eminentemente metalinguística, já que (mesmo quando não fala abertamente em poesia) é notório o processo de criação artesanal e o interesse de conseguir um impecável acabamento formal para os poemas.

A representação do universo feminino também adquire um contorno mais moderno, de modo que a imagem da mulher aparece vinculada a contextos específicos da sociedade capitalista e a situações comumente atribuídas ao orbe masculino. Em alguns momentos, o mundo captado pelo olhar feminil adquire uma tonalidade fria e distante – operação incomum para a tradição da poesia brasileira produzida por mulheres. Mas a despeito do tom contido e da materialidade das imagens, o volume traz um dos poemas mais belos e intimistas que Zila Mamede já escreveu. Em “Mãe”, a radiografia lírica operada pela poetisa ganha um feitiço encantador:

“A mulher fia o filho.
No silencio do corpo
inaugura-se: mãe.
(...)
De si própria se esquece:
tecelã da rosa que já aflora
em crescimento lento
no seu sangue”
(MAMEDE, 2003, p. 70)

Embora pareça ser guiado pelo mesmo princípio estético do livro precedente, **Corpo a corpo** (1978) é uma súpula dos principais temas abordados pela a autora ao longo de sua carreira literária. Nele aparecem tanto as imagens da nova realidade social, quanto as cenas familiares, ruralistas e cotidianas que marcaram suas primeiras obras. É uma espécie de testamento poético. Não se estranha, pois, o fato de o livro ter sido publicado como acréscimo ao volume de suas poesias completas. É por esse motivo que, na apresentação da obra reunida de Zila Mamede publicada pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o escritor Paulo de Tarso Correia de Melo afirma que “a maioria temática desse novo livro se faz para uma preocupação que poderíamos classificar de urbano-provinciana” (MELO, 2003, p. 32). Apesar de não ter o alento poético dos demais volumes, a obra transmite um agradável efeito de ordenação e síntese.

Em “Retrato de minha mãe costurando”, a imagem da máquina estabelece um vínculo entre a tradição e a modernidade, pois embora a simbologia do maquinário esteja vinculada ao campo do progresso, nesse poema a experiência com a máquina de costura passa de geração em geração. Antes mesmo de determinar um papel para a mulher na sociedade, a máquina aqui retratada evidencia o seu empenho para manter a casa (esse mundo intimista e definidor do sujeito) em perfeita harmonia:

“A máquina
e o berço:
filho vai nascer
perna pedalando
filha a adormecer

(...)
A máquina:
lúdico artefato
de abstrato museu
(a avó, a bisavó)
do tempo hoje meu”
(MAMEDE, 2003, p. 43)

Se **Corpo a corpo** pode ser considerado um testamento poético, então **A herança** (1984 – derradeiro volume de poesias publicado em vida) é um testamento privado. Marcada pelo tom de um discurso confessional, a obra apresenta um acerto de contas entre o sujeito lírico e os seus entes mais próximos. A expressividade das imagens já não é tão notória, mas o livro ainda oferece momentos de sofisticada realização estética.

Trata-se de uma obra que requer uma leitura sem pausas; caso contrário, o leitor pode perder a matiz intimista que amarra todo o discurso poético e lhe confere um agudo caráter de unidade. Em última instância, destaca-se a atitude humanizadora com que a poetisa desenvolve os seus temas, sempre preocupada em revelar a densidade e os conflitos da alma humana. Na seção “IV”, por exemplo, é exatamente as diferenças estabelecidas entre o eu-lírico feminino e as suas irmãs que funda uma identidade familiar. A condição do sujeito está presa, portanto, ao grupo que o rodeia:

“Ninguém no mundo
menina urbana,
cabe no espaço

de outro ninguém
é tudo **alguém**

da mesma fonte,
da mesma dor,
mesma ramagem,
da mesma garra,
mesmo caroço”
(MAMEDE, 2003, p. 253)

Em 2009, o “Núcleo Camara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses” da Universidade Federal do Rio Grande do Norte lançou o volume póstumo **Exercícios de poesia**, reunião de textos que tinham sido publicados no jornal **Tribuna do norte** (Natal-RN) nos anos de 1951 e 1952. Trata-se, portanto, do material que a autora (já com uma aguçada visão crítica) resolveu não incluir na composição de seu primeiro livro, **Rosa de pedra**. Por isso mesmo, o volume tem, do ponto de vista estético, um caráter fraco e previsível: a maioria dos temas não supera o senso comum, a linguagem não é tão bem elaborada e a estrutura poética ainda é muito vacilante.

Em alguns momentos, é possível sentir um deslumbrado apelo religioso, mas a atitude não chega a prejudicar a economia geral da obra. Na verdade, todos esses poemas representam a experiência estabelecida entre uma jovem escritora e a recepção do público. O livro importa, pois, mais como registro histórico e como contribuição para a crítica genética do que como matéria estética propriamente dita. Apesar dos deslizes de composição, a obra ainda revela algumas agradáveis surpresas.

Em “Soneto da menina pobre”, a fragilidade do estilo parece encontrar ressonância na delicada figura da criança indigente. O teor de crítica social que poderia emanar desse poema acaba enfraquecendo com o olhar piedoso do eu-lírico e com a estrutura rítmica pouco atraente. A representação da mulher, portanto, nem tem força transformadora e nem é rigorosamente terna para que se possa ser contemplada com prazer:

“A Pobrezinha, corpo desnudado,
Vai caminhando triste, pela praça.
Tem no rostinho já desfigurado,
Sinais de fome e frio, de desgraça.

Criança ainda, vê despedaçado

O encanto azul, a venturosa graça
Do tempo mais risonho, abençoado
– A meninice que ligeira passa”.
(MAMEDE, 2009, p. 32)

Zila Mamede morreu em dezembro de 1985, vítima de afogamento na Praia do Forte, em Natal-RN. Ao que tudo indica, a autora sofreu uma vertigem enquanto nadava e, inconsciente, fora arrastada pelas ondas marítimas. O mar é tema constante na lírica mamediana, mas é curioso observar que algumas passagens de sua obra focalizam exatamente a trágica experiência dos afogados. Não se deve, evidentemente, fazer um julgamento crítico da obra baseado em explanações místicas; é preciso admitir, contudo, que essa coincidência acabou despertando a curiosidade do público e, conseqüentemente, enriquecendo o imaginário poético da autora.

“(…) meus mares de navegar,
levai-me desses desertos,
deitai-me nas ondas mansas,
plantai meu corpo no mar”
(MAMEDE, 2003, p. 156)

“Cabelos de musgo
lavados de espumas
caminha o afogado
que o mar conquistou”
(MAMEDE, 2003, p. 164)

Pouco tempo depois de sua morte saiu o livro **Civil geometria**, uma anotação bibliográfica sobre a obra e a fortuna crítica de João Cabral de Melo Neto – projeto que vinha sendo realizado desde 1976 e que monopolizou a atenção da autora durante os seus derradeiros anos de vida. A importância e a dimensão desse trabalho fizeram de Zila Mamede um dos nomes mais significativos do cenário intelectual norte-rio-grandense. O maior reconhecimento de mérito foi manifestado pelo próprio João Cabral, que dedicou a parte inicial do livro **Agrestes** (que trata de temas nordestinos) para a autora potiguar.

Apesar de o prestígio não ser tão notório além das fronteiras do estado do Rio Grande do Norte, Zila Mamede é um dos nomes mais expressivos das letras potiguares. A sua poesia é anotação obrigatória para qualquer antologia ou manual historiográfico que se debruce sobre o assunto. Depois, a autora inspirou jovens poetas natalenses e manteve viva a tradição da literatura local – uma literatura que

colhe da realidade sertaneja o mote mais significativo para a composição dos seus versos. Longe de reproduzir um tipo de regionalismo piegas, Zila transformou a experiência cotidiana em um objeto de encanto, constantemente reabilitado pela memória e pelo coração do leitor.

REFERENCIAS

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo**: anos 20 no Rio Grande do Norte. Natal: EDUFRN, 1995.

ALVES, Alexandre. **Silêncio, mar** – a poesia de Zila Mamede nos anos 50. Natal: Sebo Vermelho, 2006

AQUINO, Graça. **A memória como evocação** – um estudo crítico da obra *O arado*, de Zila Mamede. Natal: A. S. Editores, 2005.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001.

MAMEDE, Zila. **Navegos. A herança**. Natal: EDUFRN, 2003.

_____. **Exercícios de poesia** – textos esparsos. Natal: EDUFRN, 2009.

MELO, Paulo de Tarso Correia de. “Zila Mamede – itinerário e exercício da poesia”. In.: MAMEDE, Zila. **Navegos. A herança**. Natal: EDUFRN, 2003.

Recebido: 03.05.15 | Aprovado: 15.06.15